

HISTÓRIA DA ARTE: da década de 70 do século XX ao século XXI.

Tópico 3

ARTE . VISUAL . ENSINO
Ambiente Virtual de Aprendizagem

Entrando na Pós-Modernidade.

Professor Doutor
Isaac Antonio Camargo



Cursos de Artes Visuais
Faculdade de Artes, Letras e Comunicação
Universidade Federal de Mato Grosso do Sul

**ARTE
VISUAL
ensino**

Este terceiro Tópico vai tratar do que chamei de Segunda Fase do Modernismo e que deu sustentação para o desenvolvimento das manifestações mais recentes consideradas como Arte Contemporânea. No que chamei de Primeira Fase, considere o Dadaísmo como marco de transição para o desenvolvimento de proposições estéticas inovadoras importantes para a consolidação da Arte Atual. Nesta Segunda Fase, tomo como marco de transição a Pop Art que também é considerada na História da Arte a transição da Arte Moderna para a Pós-Moderna.

A Pop Art surge na Inglaterra por volta de 1950. A primeira mostra foi realizada na galeria Whitechapel em Londres, em 1956, nomeada de: “*Isto é o amanhã*”.

A mostra recorria a elementos da Cultura de Massa e feita para o grande público. Neste sentido prescindia de conhecimento prévio já que os elementos usados pelos artistas pertenciam ao contexto mercantil e da mídia de comunicação dispensando, supostamente, explicação. Este é o espírito Pop.

O advento do chamado Pós-Modernismo traz novas proposições artísticas e apresenta novas Estratégias Discursivas tornando-as cada vez mais ricas.

A chamada Cultura de Massa e a Indústria Cultural se instauram e se apropriam de várias características da Arte convencional e as associam ao mercado, isto favorece o surgimento de uma nova tendência artística: A Pop Art.

A partir da década de 1960 se expande para os Estados Unidos, lá os artistas passam às estratégias de comunicação para facilitar a inteligibilidade e o acesso do público às suas obras recorrendo aos signos e símbolos retirados do contexto da mídia e ao imaginário cotidiano da cultura de massa e da vida comum é nisto que se resume e caracteriza Pop Art ou Art Pop.

Por um lado considera-se um certo hermetismo do qual vinha se revestindo a Arte Moderna na medida em que se tornavam mais especializada e intelectualizada afastando o público, neste sentido a Pop Art visa popularizar a Arte por meio de atitudes mais próximas das pessoas usando aquilo que elas já conhecem ou tem familiaridade como a Cultura de Massa e sua relação direta com a Indústria Cultural.

Não se pode confundir Art Pop com Arte Popular, pois as características e origens são bem diferentes. A Arte Popular é comumente associada às manifestações artísticas vernaculares que surgem de ambientes culturais, em geral, comunidades mais fechadas e sem muito acesso aos padrões e sistemas eruditos. Ao contrário, a Art Pop é justamente o oposto: usa a sociedade de consumo e a popularidade como base para suas proposições.

A Cultura de Massa, decorrente da globalização iniciada nas primeiras décadas do século XX e reforçada no período pós segunda Guerra, é o arsenal de dados que irá alimentar a Pop Art.

A sociedade ocidental deste período investe pesadamente na industrialização e, conseqüentemente, no consumo. Desenvolve a indústria do espetáculo como o cinema e de comunicação como a televisão.

Tanto o Cinema quanto a TV ao se tornarem veículos de comunicação de massa têm o poder de influenciar o gosto da sociedade, a moda, os comportamentos e o consumo.

Assim há uma interação de caráter cultural entre estes dois ambientes: o da Arte e o da Cultura de Massa. Elementos de um e de outro se mesclam dando existência ao que chamamos de Indústria Cultural.

Na Alemanha, os estudos da chamada Escola de Frankfurt, da qual participaram pensadores como Walter Benjamin, Theodor Adorno e Max Horkheimer, entre outros revelam esta nova situação social.

Foram estes últimos que usaram o termo Indústria Cultural (Kulturindustrie) em texto escrito em 1942 e publicado em 1947, em Dialética do Esclarecimento, no capítulo intitulado: O Iluminismo como mistificação das massas, no qual discutem a situação da Arte na sociedade capitalista e industrial.

O desenvolvimento de uma sociedade que valoriza o mercado e o entretenimento em detrimento da Arte e da cultura é uma característica que começa se delinear nesta época por meio da apropriações de valores culturais.

O discurso destes pensadores é tentar clarear e desmistificar a ilusão que o capitalismo industrial cria ao dizer que a satisfação do consumo é também estética e cultural.

Neste sentido a Arte se encontra numa encruzilhada: de um lado a tendência ao hermetismo que começa a se delinear no contexto da Modernidade e, de outro, a de transformar as criações artísticas em produtos de comunicação que atinjam e estimulem o mercado para o consumo cego e inconsequente.

A situação da Arte Moderna ao se tornar inacessível para a maioria da população, por exigir mais reflexão do que apreciação, estimula alguns artistas a investir em estratégias que buscam aliar o novo mundo mercantil, industrial, capitalista e comercial às proposições estéticas, numa tentativa de aproveitar esse processo de afastamento.

É na Inglaterra que esta tentativa de construir um novo espaço para a Arte na sociedade promove o surgimento das primeiras manifestações Pop.

O batismo é feito pelo crítico britânico Lawrence Alloway (1926 - 1990) que chama de Pop a colagem de Richard Hamilton, intitulada: *O que Exatamente Torna os Lares de Hoje Tão Diferentes, Tão Atraentes?*, de 1956. O termo POP aparece no pirulito colocado na mão direita do fisicultor.

Esta obra, concebida como pôster e ilustração para o catálogo da exposição *This Is Tomorrow* (Este É o Amanhã) do Independent Group de Londres, mostra uma obra que carrega temas e técnicas da nova expressão artística. A composição de uma cena doméstica é feita com o auxílio da colagem de anúncios tirados de revistas de grande circulação.



Just what is it that makes today's homes so different, so appealing? 1956.



Adonis is Y
fronts,
1963.



\$he, 1958-61.



\$he, 1958.



Homenagem à Crysler
Corporation, 1957.



White good, Robert Rauschenberg

Interior,
1964-65

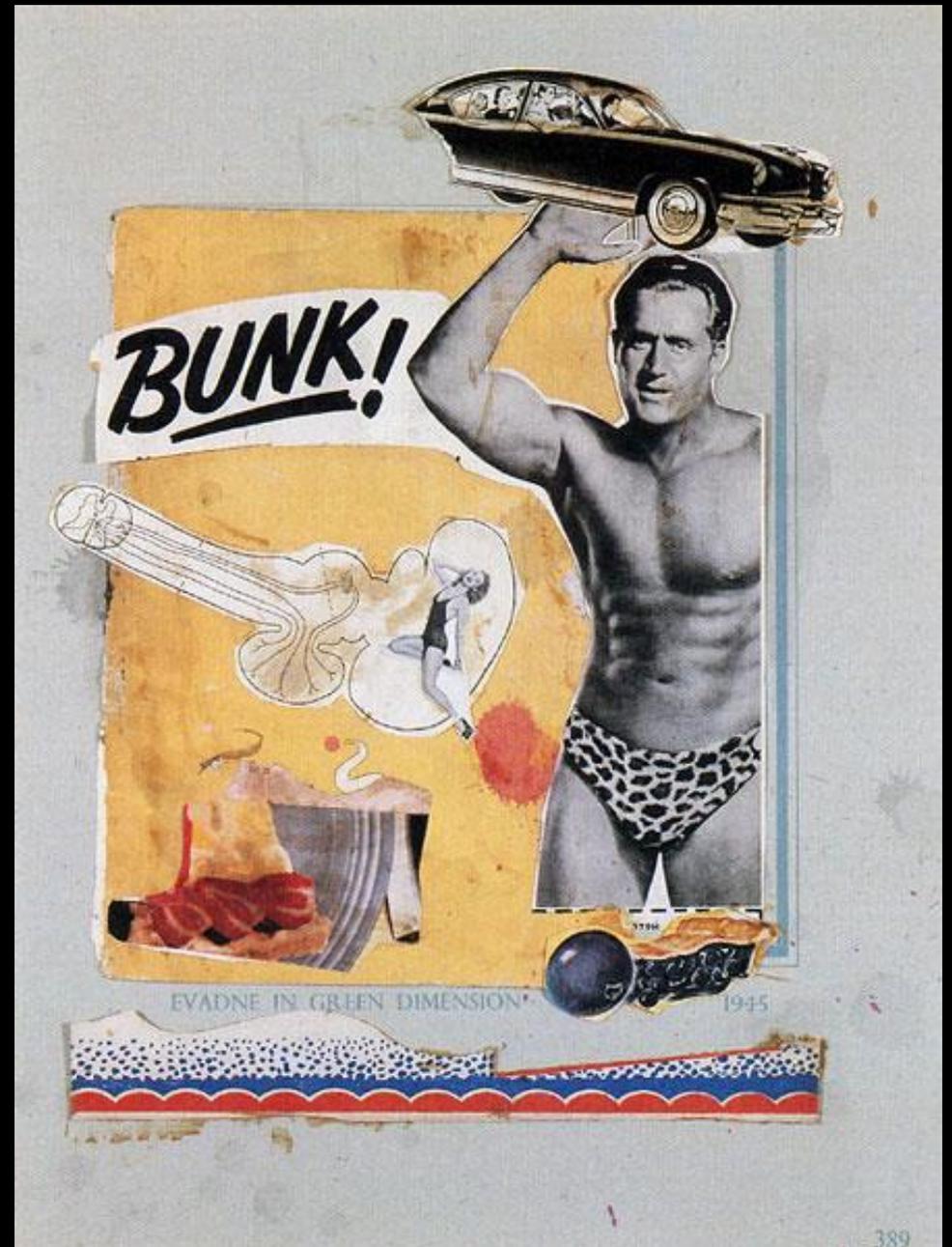
Em 1957, Hamilton define os princípios centrais da nova sensibilidade artística: trata-se de uma arte "popular, transitória, consumível, de baixo custo, produzida em massa, jovem, espirituosa, sexy, chamativa, glamurosa e um grande negócio". Além dele, outros integrantes do Independent Group, fundado em 1952, são: Eduardo Luigi Paolozzi, Richard Smith e Peter Blake definem as características deste novo momento da Arte a Pop Art.

Não se pode negar a presença de espírito destes artistas, tampouco a ironia que reveste suas proposições.

De um lado percebe-se uma relação direta com o apreciador que nem precisa conhecer Arte para frequentar uma mostra Pop e se sentir prestigiado na medida em que é capaz de entender a figuração daquelas imagens, de outro, a crítica a toma como banal.

Eduardo Luigi Paolozzi
(1924 - 2005).

Bunk! Evadne in Green
Dimension, 1952.

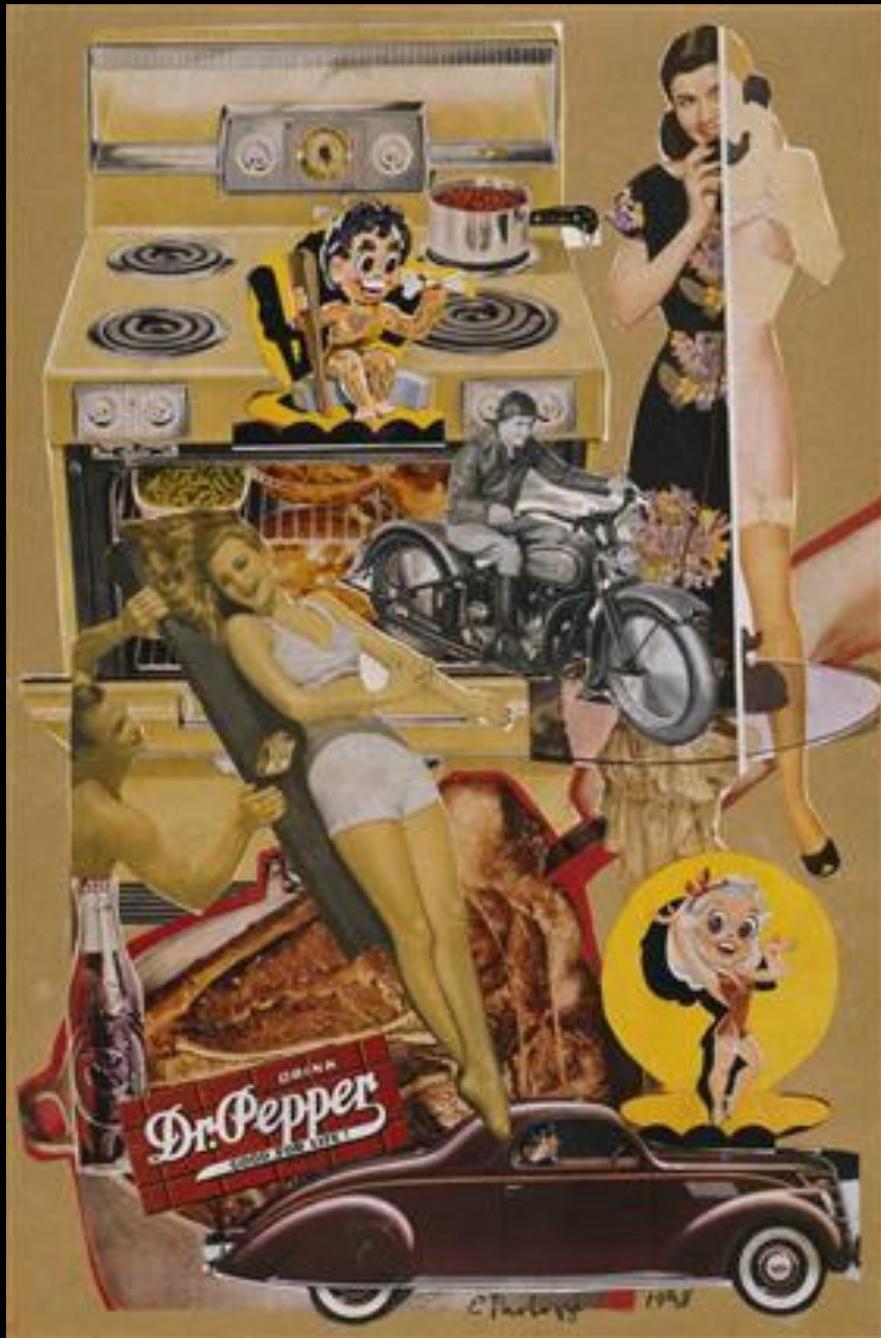




Meet the people, 1948.



It's a Psychological Fact
Pleasure, 1948.



Dr. Pepper, 1948.

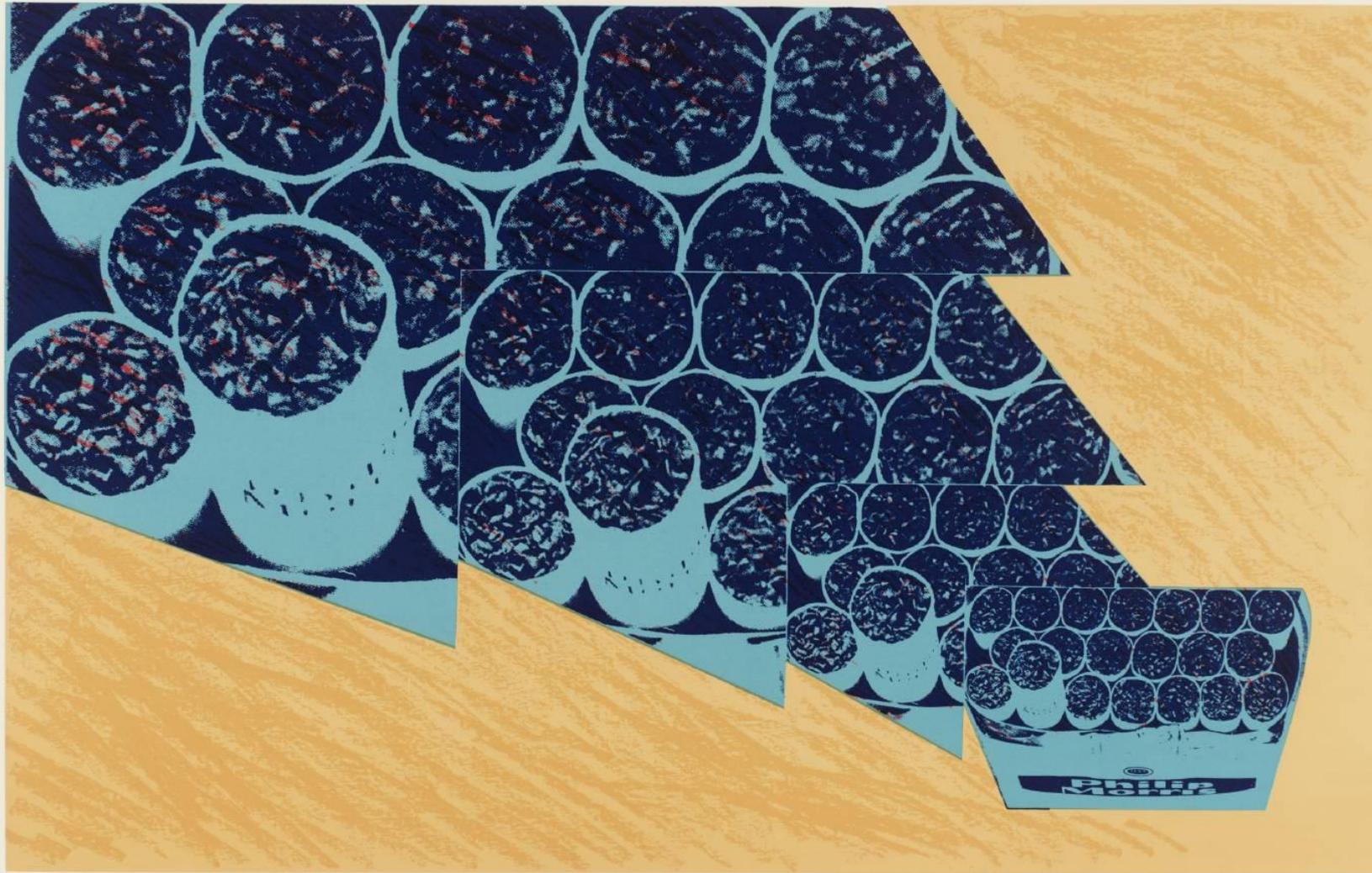


I Was a Rich Man's Plaything, 1947.

Richard Smith (1931)



Piano,
1963.



Philip Morris 12

PM
zoom,
1963.

Peter Blake (1932)



On the Balcony, 1955-57.



Circus, 1950.



Capa do album,
St Pepper's Lonely
Hearts Club Band.

Embora a Art Pop tenha se iniciado na Inglaterra, e o Independent Group seu precursor, a primeira e exposição do grupo, realizada em 1956 na Whitechapel Gallery em Londres, foi também a última. Depois dela os artistas continuaram suas carreiras isoladamente.

O grande mérito foi trazer para o ambiente da Arte questões do dia a dia do apreciador.

Se, por um lado, a ideia de banalidade entrou para o contexto da Arte Visual, de outro entra também a questão da crítica social sobre o ambiente mercantil e mercadológico que começa a se intensificar de tal modo que as pessoas não conseguem mais identificar valores culturais já que tudo se mistura: Cultura, mercado e entretenimento.

Em fins da década de 50 e até 1963, nos Estados Unidos os artistas trabalham isoladamente até que, duas exposições - Arte 1963: Novo Vocabulário, Arts Council, na Filadélfia, e Os Novos Realistas, Sidney Janis Gallery, em Nova York reúnem obras que se beneficiam do material publicitário e da mídia, nos moldes do que já havia acontecido antes na Inglaterra, é o início do Pop americano.

É nesse momento os nomes de Andy Warhol, Roy Lichtenstein, Claes Oldenburg, James Rosenquist e Tom Wesselmann se destacam, além deles Robert Rauschenberg e Jasper Johns vão compor também o cenário Pop.

Os artistas norte-americanos tomam ainda como referência certa tradição figurativa local com uso de imagens e objetos tomados do cotidiano.

Entre eles, Warhol se torna referência da arte pop, tendo por exemplo algumas de suas obras memoráveis como: 32 Latas de Sopas Campbell, 1961/1962, Caixa de Sabão Brilho, 1964, e os trabalhos com imagens da atriz Marilyn Monroe (1926 - 1962), como Os Lábios de Marilyn Monroe, Marilyn Monroe Dourada e Díptico de Marilyn de 1962.

Warhol assume ainda o papel de produtor cultural realizando e promovendo filmes, artistas e eventos. Investe ainda num estúdio com características industriais: The Factory.

The Factory (A Fábrica) foi fundada em 1962 e durou até 1984. Era famosa pelas festas extraordinárias frequentada por artistas, boêmios personagens excêntricos da comunidade nova-iorquina. Era um ambiente de produção cultural onde várias atividades podiam ser realizadas simultaneamente, inclusive atuar como galeria no intuito de comercializar suas obras.



Marilyn's Lips, 1962



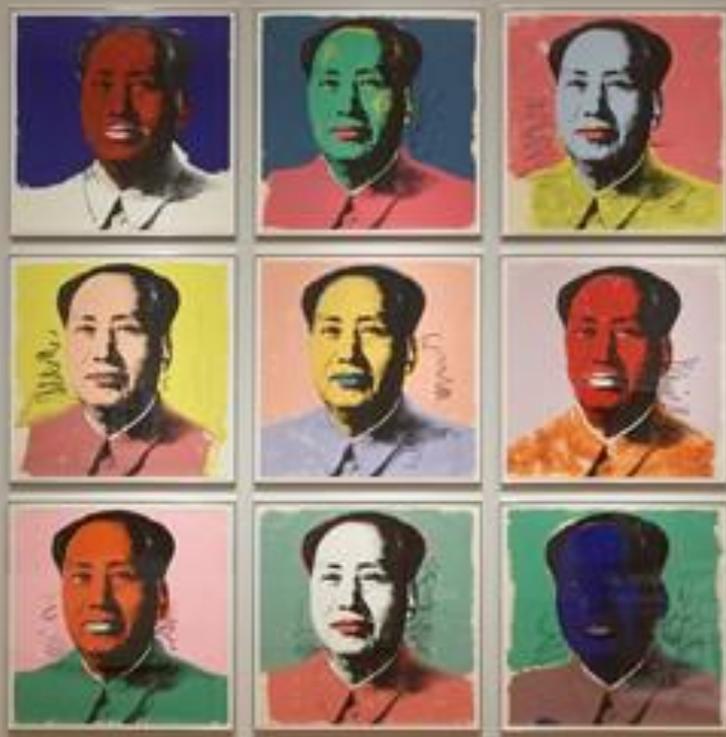
Campbell's Soup Cans, 1962



Campbells Soup.



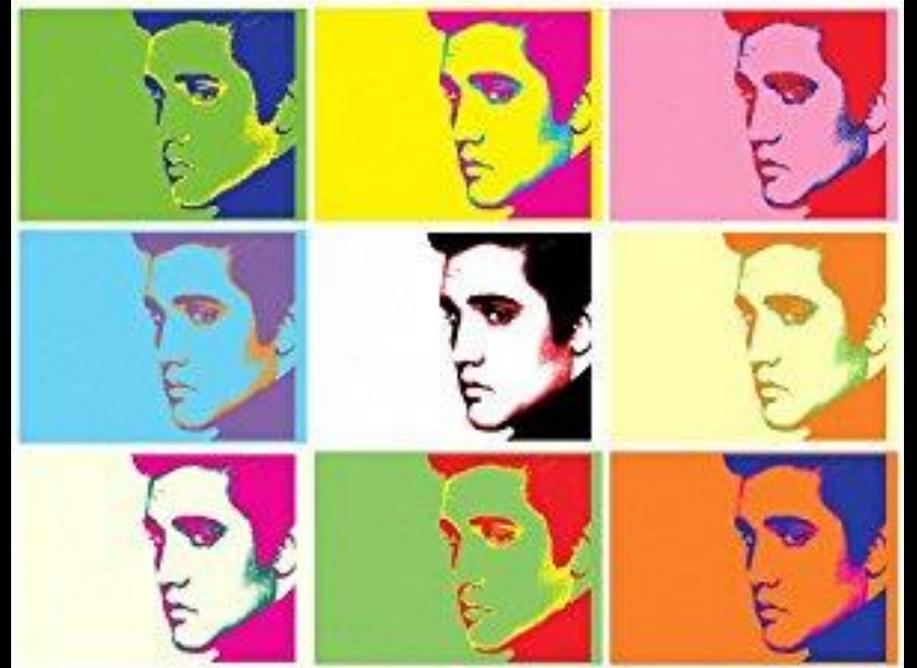
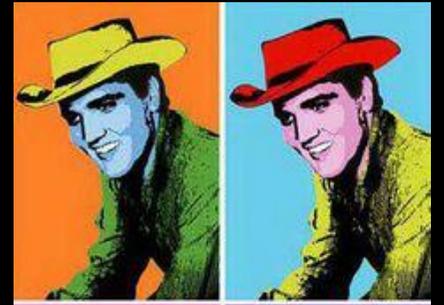
Marilyn Monroe, 1962.







Brillo Boxes, 1964.

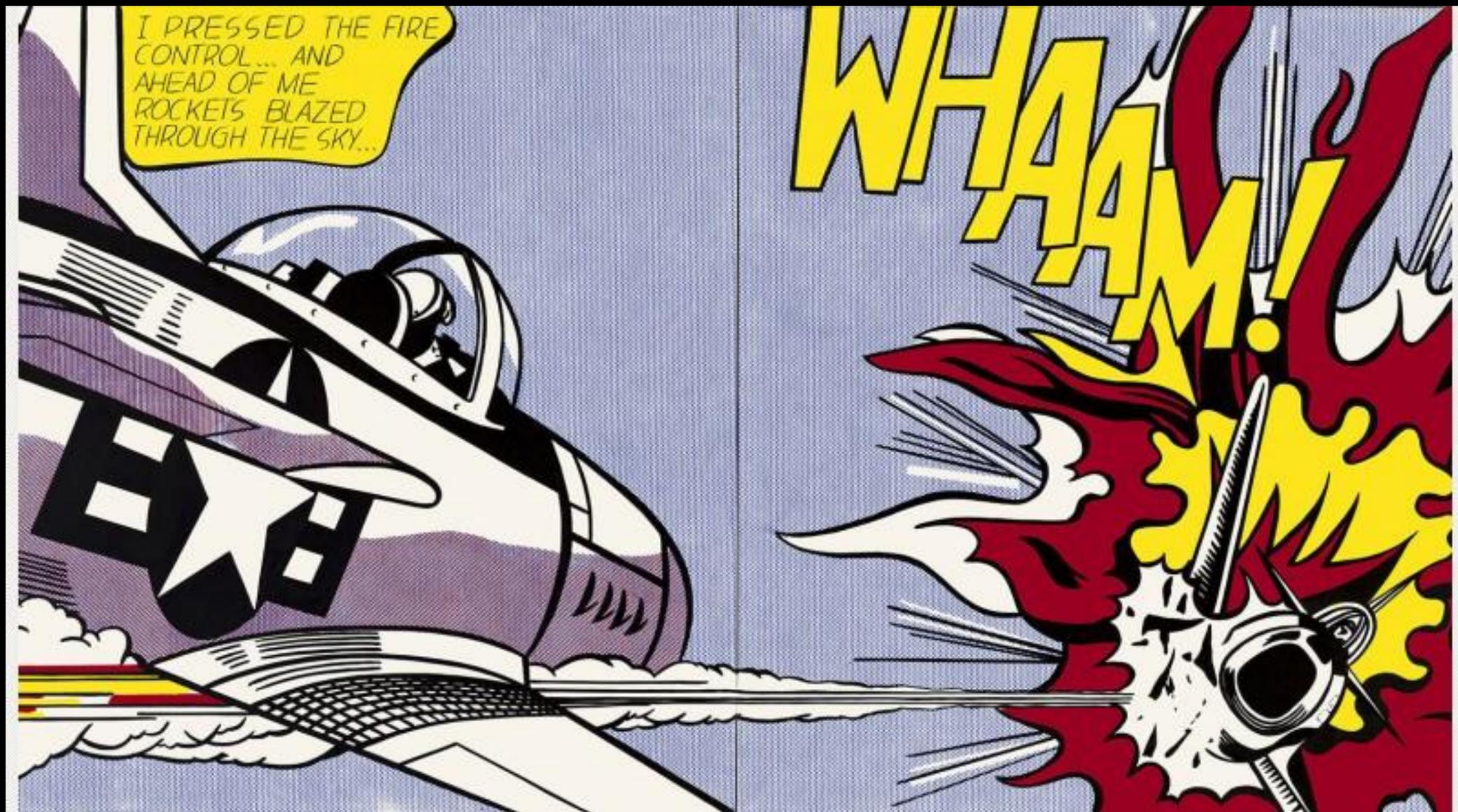


Elvis Presley.

Roy Lichtenstein,
1923 – 1997.



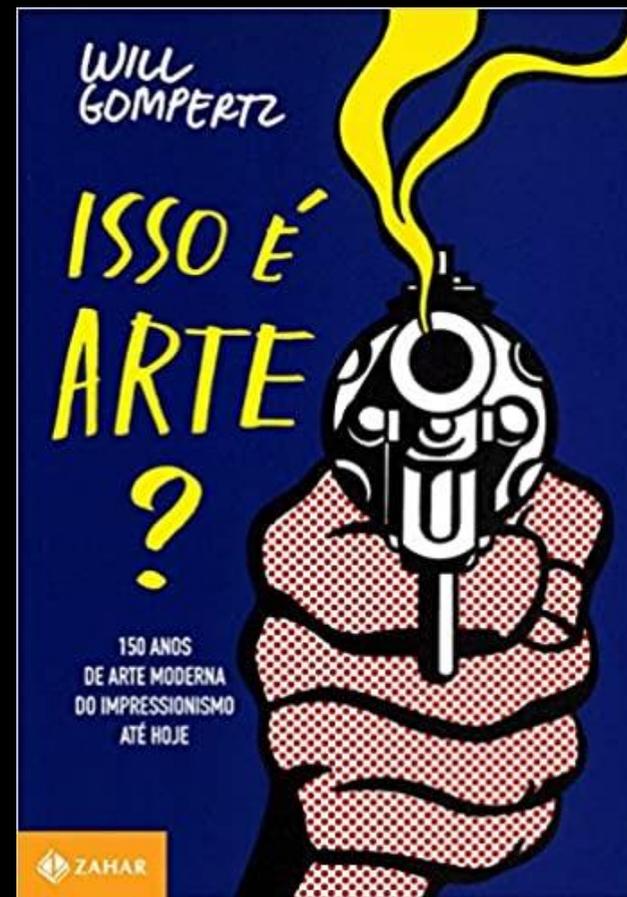
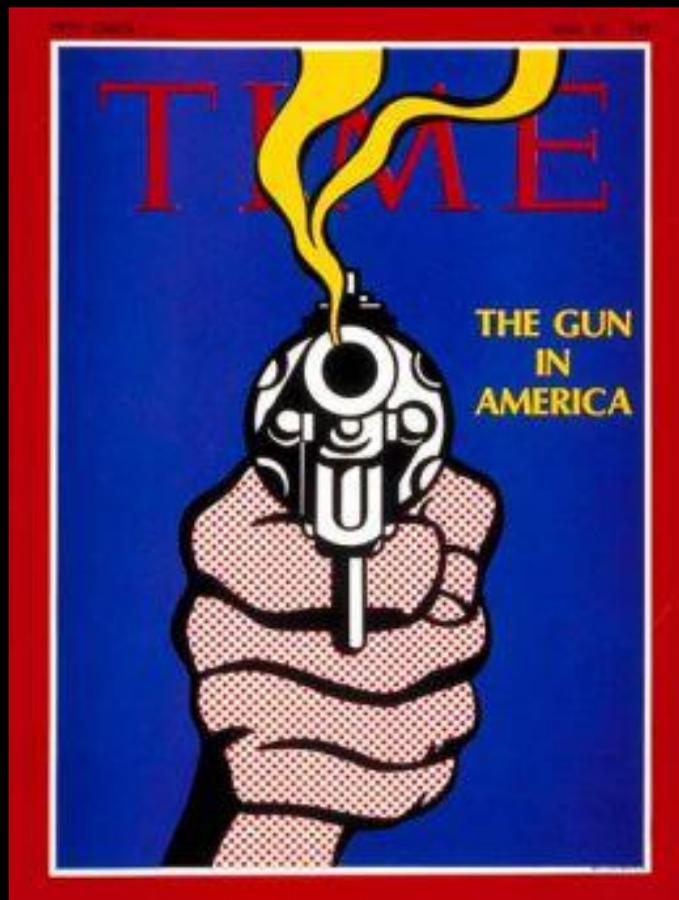
Hopless!, 1963.



I PRESSED THE FIRE CONTROL... AND AHEAD OF ME ROCKETS BLAZED THROUGH THE SKY...

WHAAM!

Whaam!, 1963.



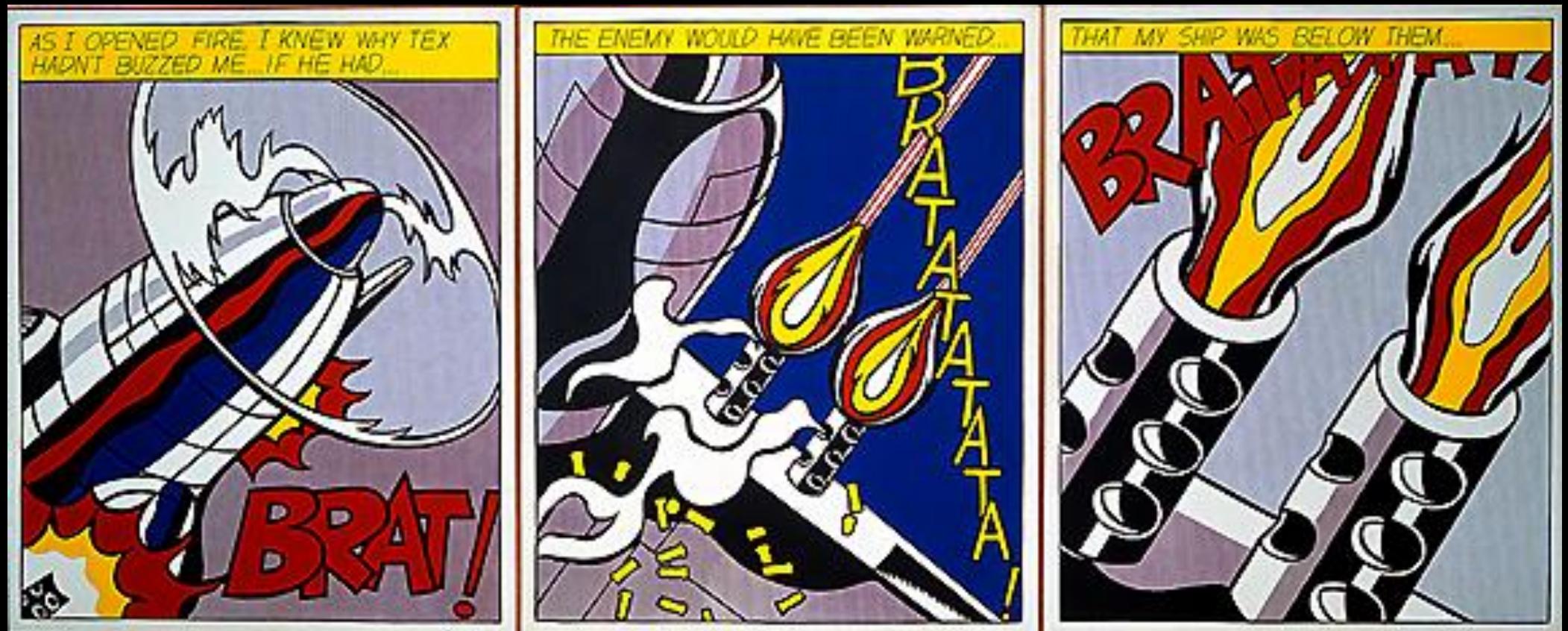
Gun, 1968. Foi usada como capa da TIME sobre a questão do armamento nos Estados Unidos e também com capa do livro de Will Gompertz sobre Arte Moderna e Contemporânea.



Sonne-
naufga,
1965.



NOW, MES PETITS..
POUR LA FRANCE!

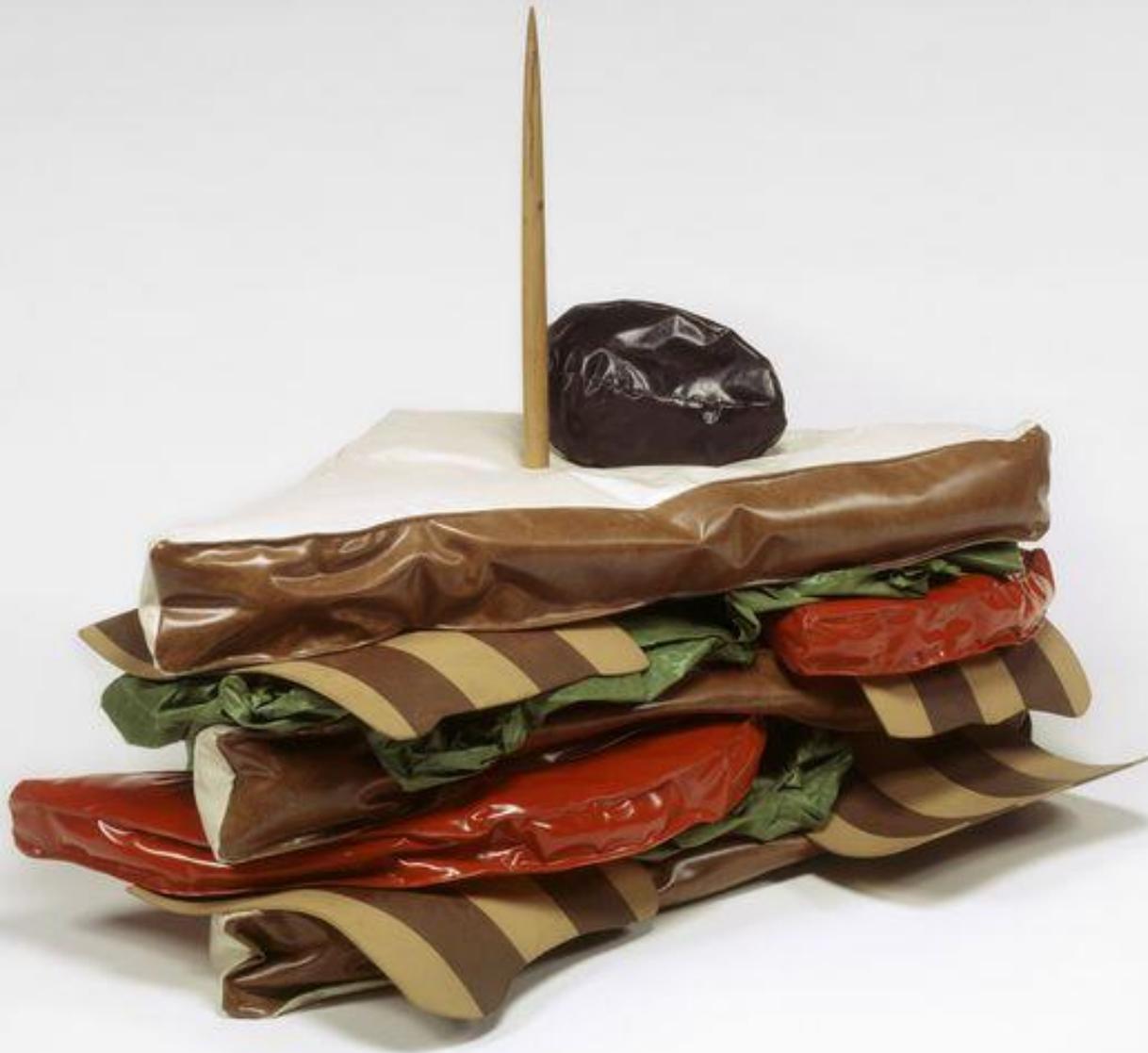


As I Opened Fire, 1964

Claes Oldenburg, 1929.



Giant
Floor
Burger
1962



Giant BLT
(Bacon,
Lettuce and
Tomato
Sandwich).
1963.



Soft fur
Good
Humors,
1963.

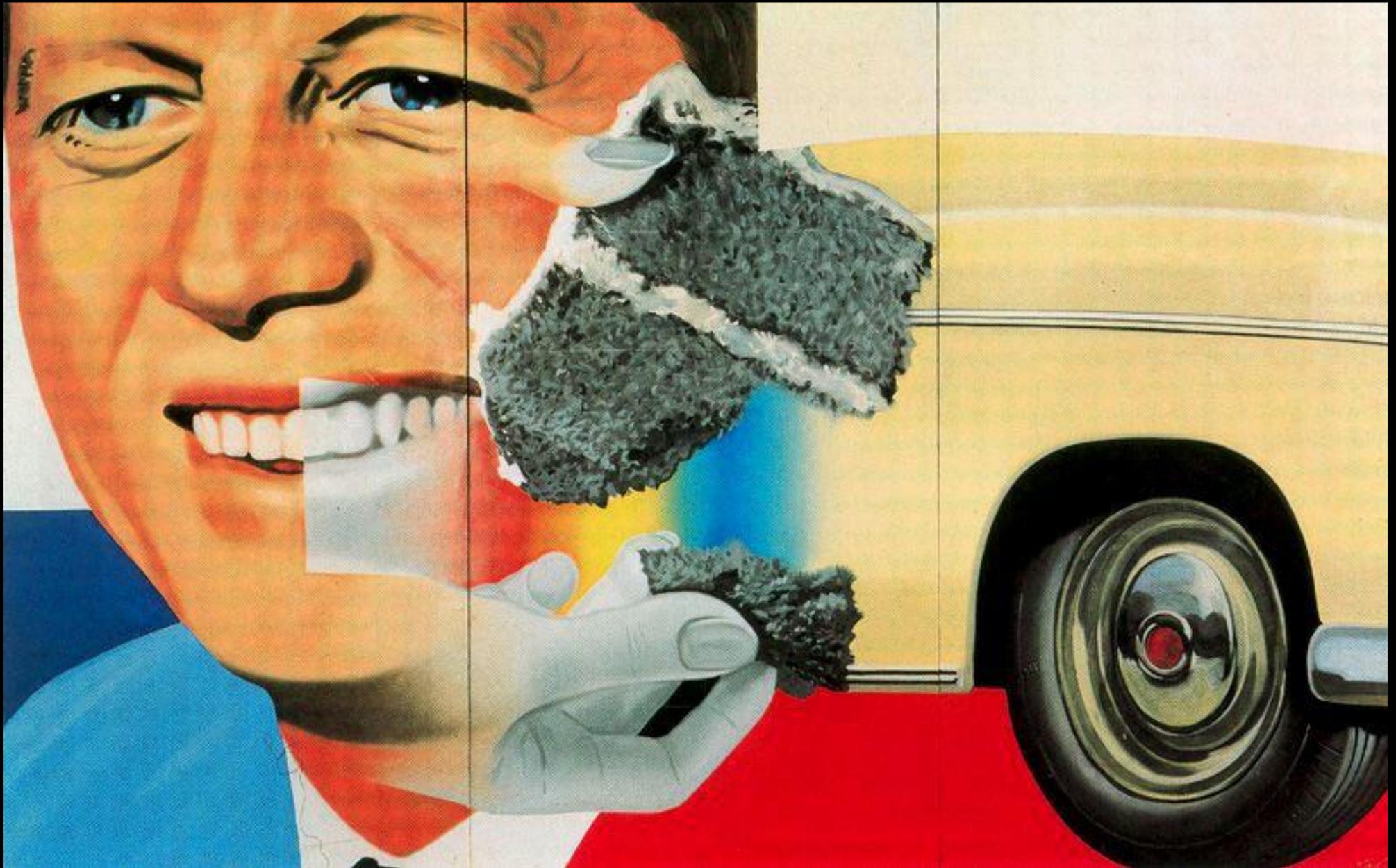


Soft Dormeyer Mixer, 1965.



Softy typewriter, 1963.

James Rosenquist, 1933.



President Elect, 1961





landmark
1965





1981.

Tom Wesselmann, 1931 – 2004.



Still life 35 1963



Still
Life.



Still Life.



Landscape.



Landscape.

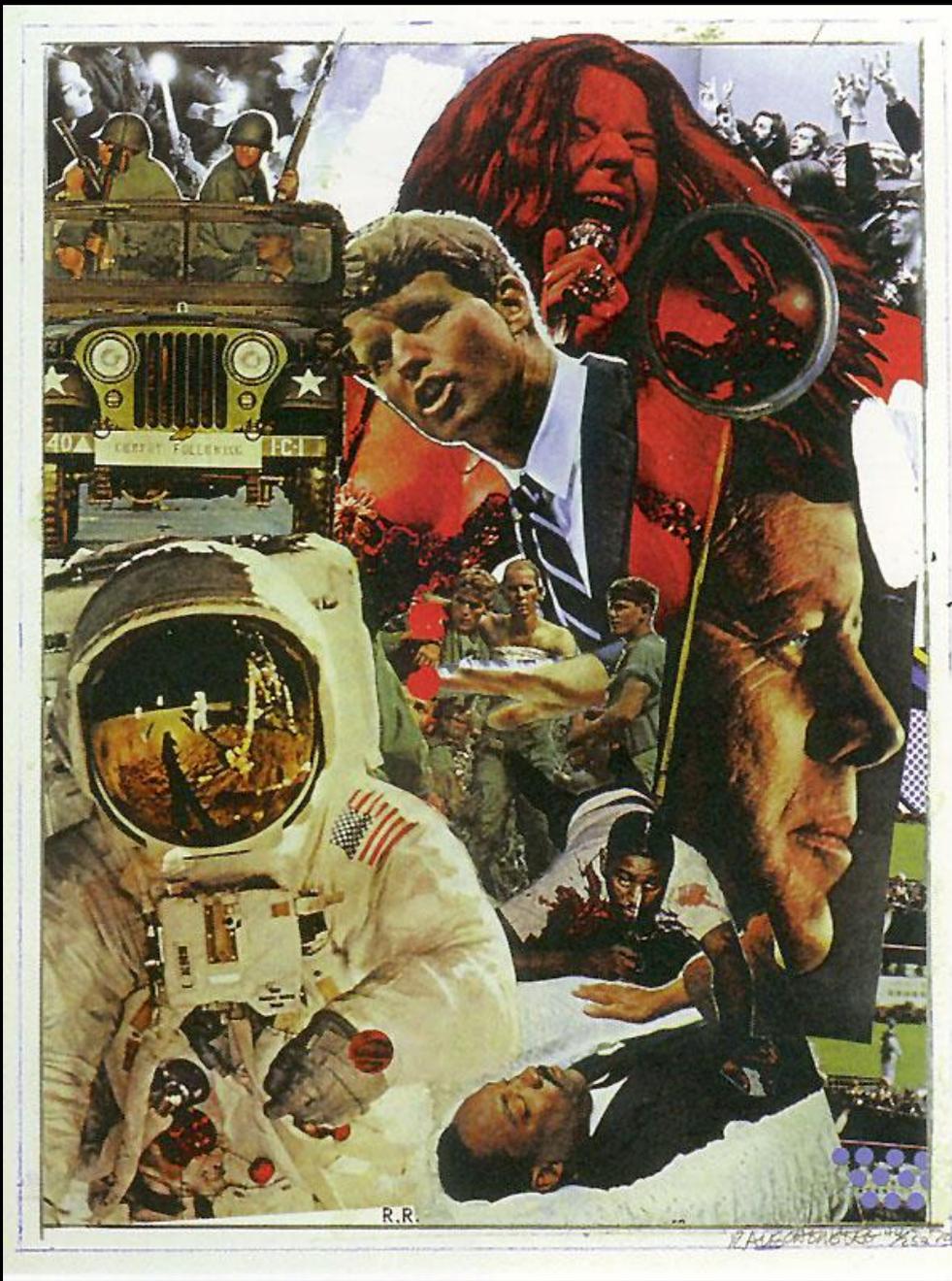
Robert Rauschenberg, 1925 –
2008.



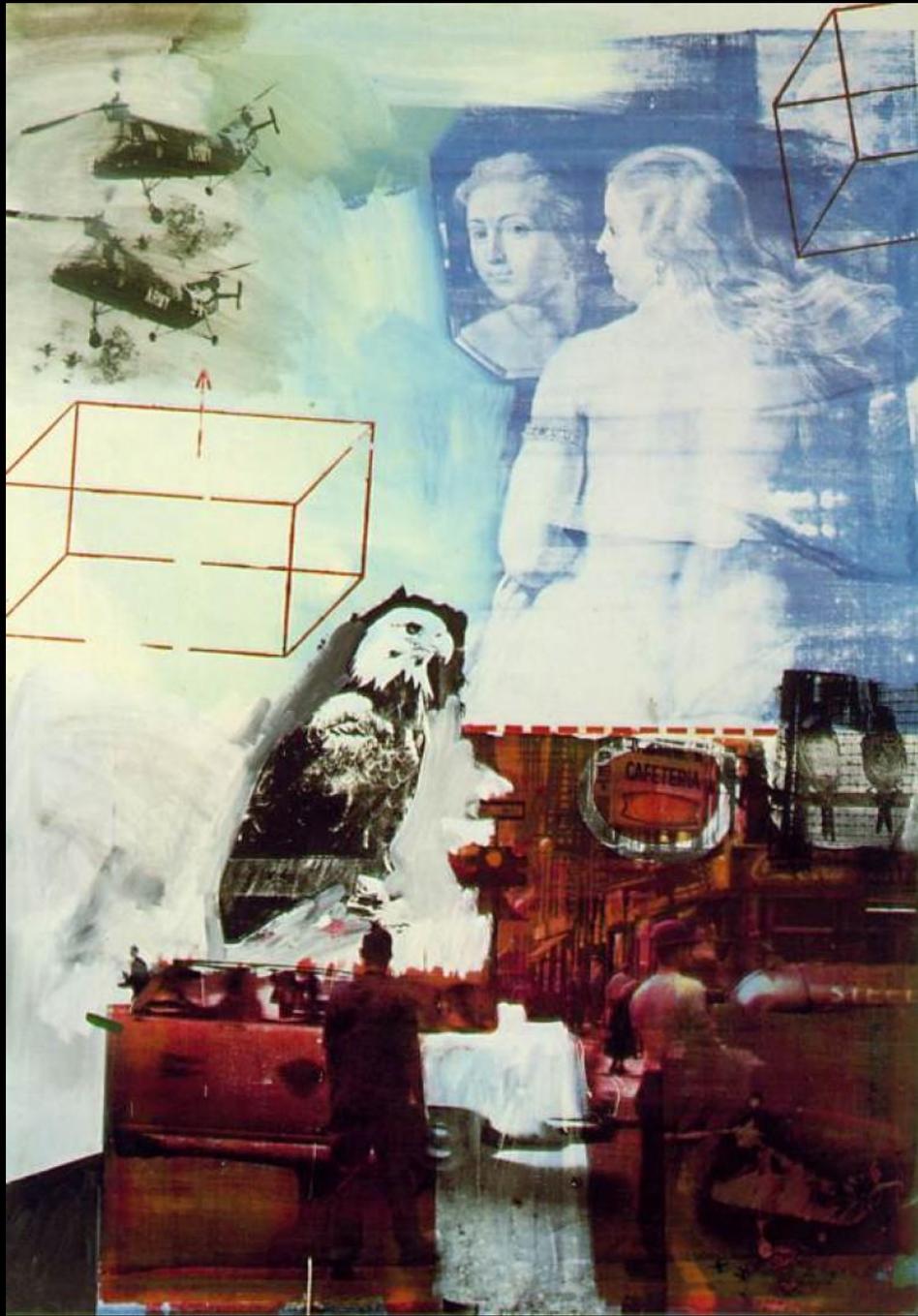
Retroactive I. 1964



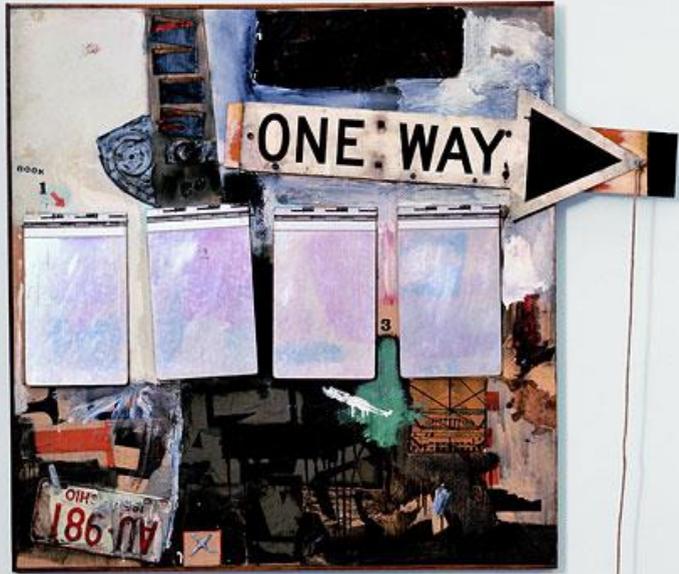
Retroactive, 1965.



Signos, 1965.



Tracer, 1966.

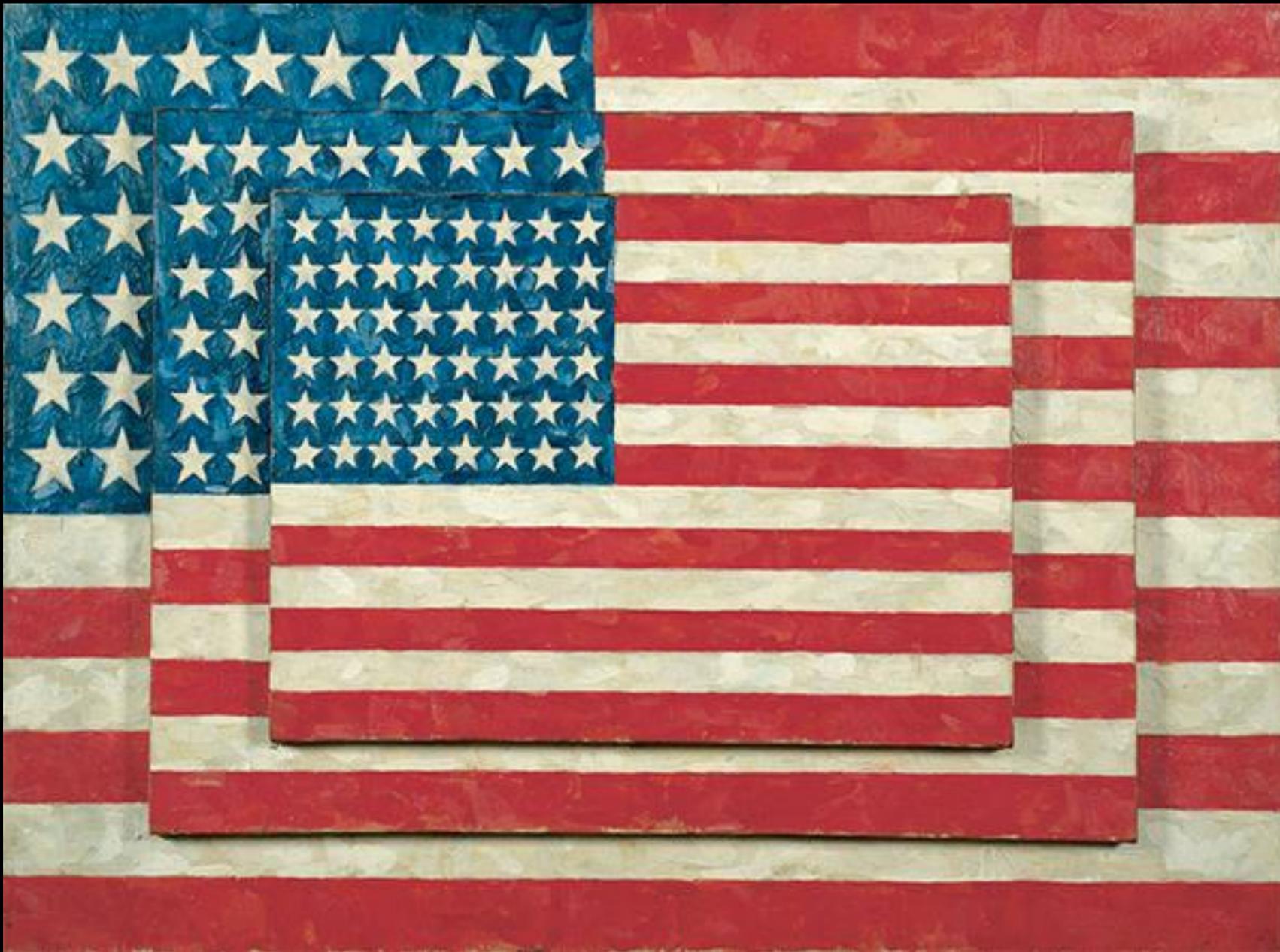


One Way, 1961.



Odalisca, 1955.

Jasper Johns, 1930.



Flag, 1958.

















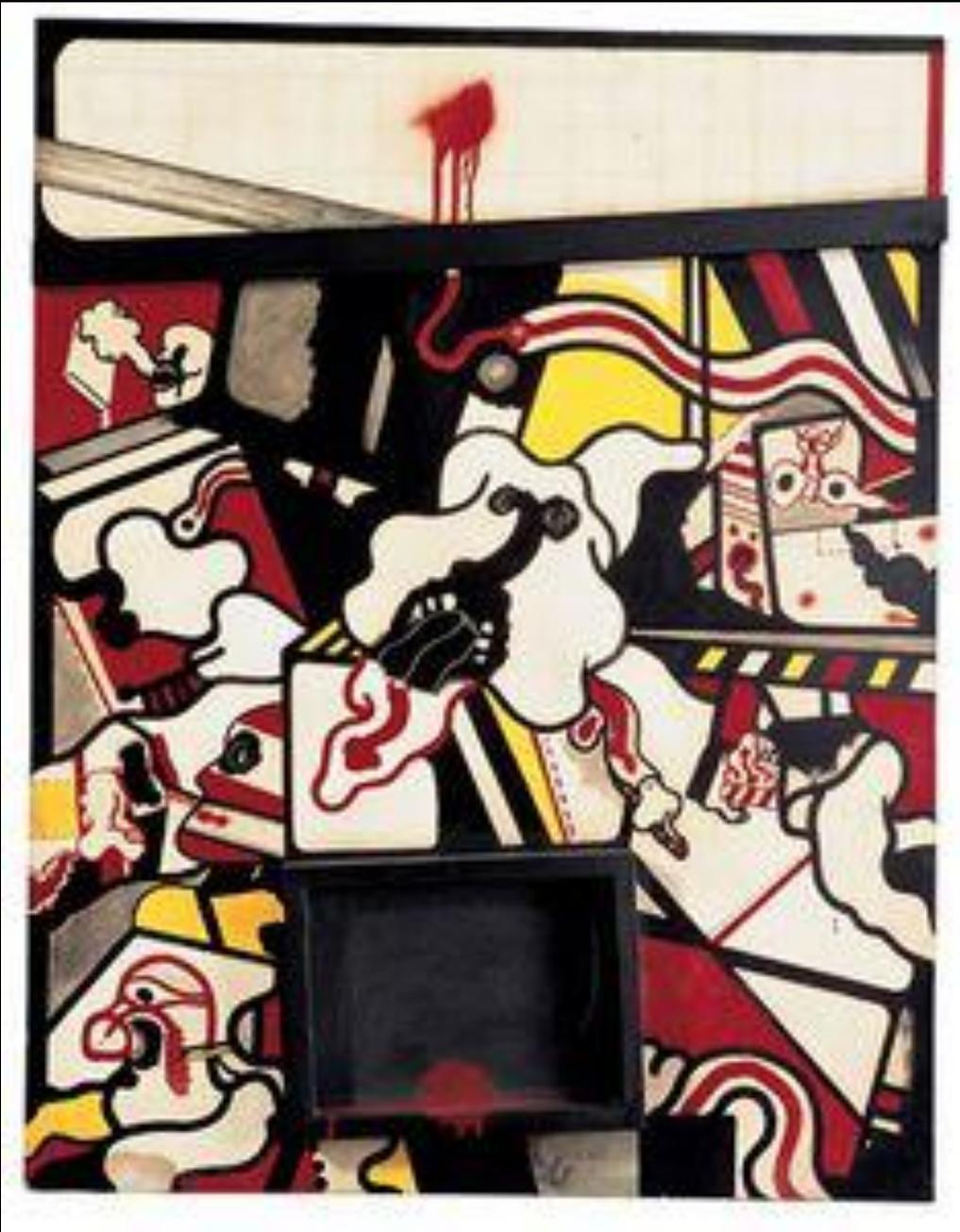


Pode-se dizer que a Art Pop foi o marco divisório, entre o Moderno e o Pós-moderno.

As estratégias discursivas agora usavam também os recursos da mídia, da sociedade da informação e a propaganda: a Arte se torna também um produto de marketing. Gêneros tradicionais como Paisagem, Natureza-Morta e mesmo Retratos foram ressignificados ou relidos de acordo com a concepção pop.

No Brasil, seus efeitos foram pouco percebidos e, alguns artistas que optaram por este caminho logo saíram dele para trilhar um percurso mais contestatório, mais político e participativo, dada às condições políticas do País submetido à ditadura militar. Entre eles: Antonio Dias, Rubens Gerchman, Cláudio Tozzi, Ubirajara Ribeiro, entre outros, que optaram, na década de 60, por temas próximos aos dos artistas pop ingleses e americanos.

Antonio Dias, 1944.



Querida, Você está bem? 1964.



Nota sobre a morte imprevista, 1965.



Where is my land, 1968.

Rubens Gerchman,
1942-2008.



1966.

OS SUPERHOMENS

2x0





GUEVARA, VIVO OU MORTO...

Guevara vivo ou morto, 1967.



Não há vagas, 1965.



USA e abusa, 1966.

Claudio Tozzi, 1944-2013.



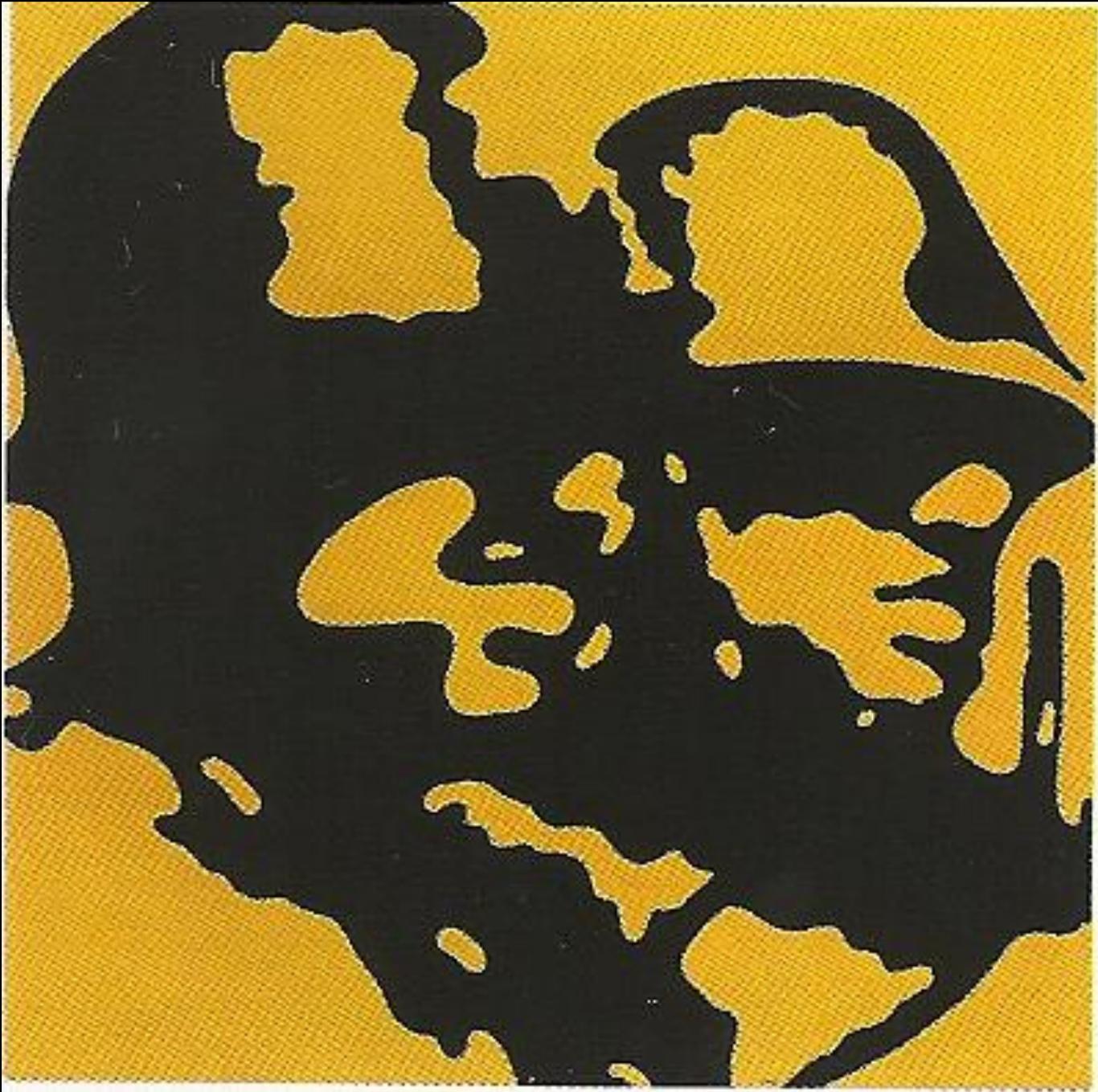
Eu bebo chopp ela pensa em casamento, 1968.



Veja o nú, 1968.

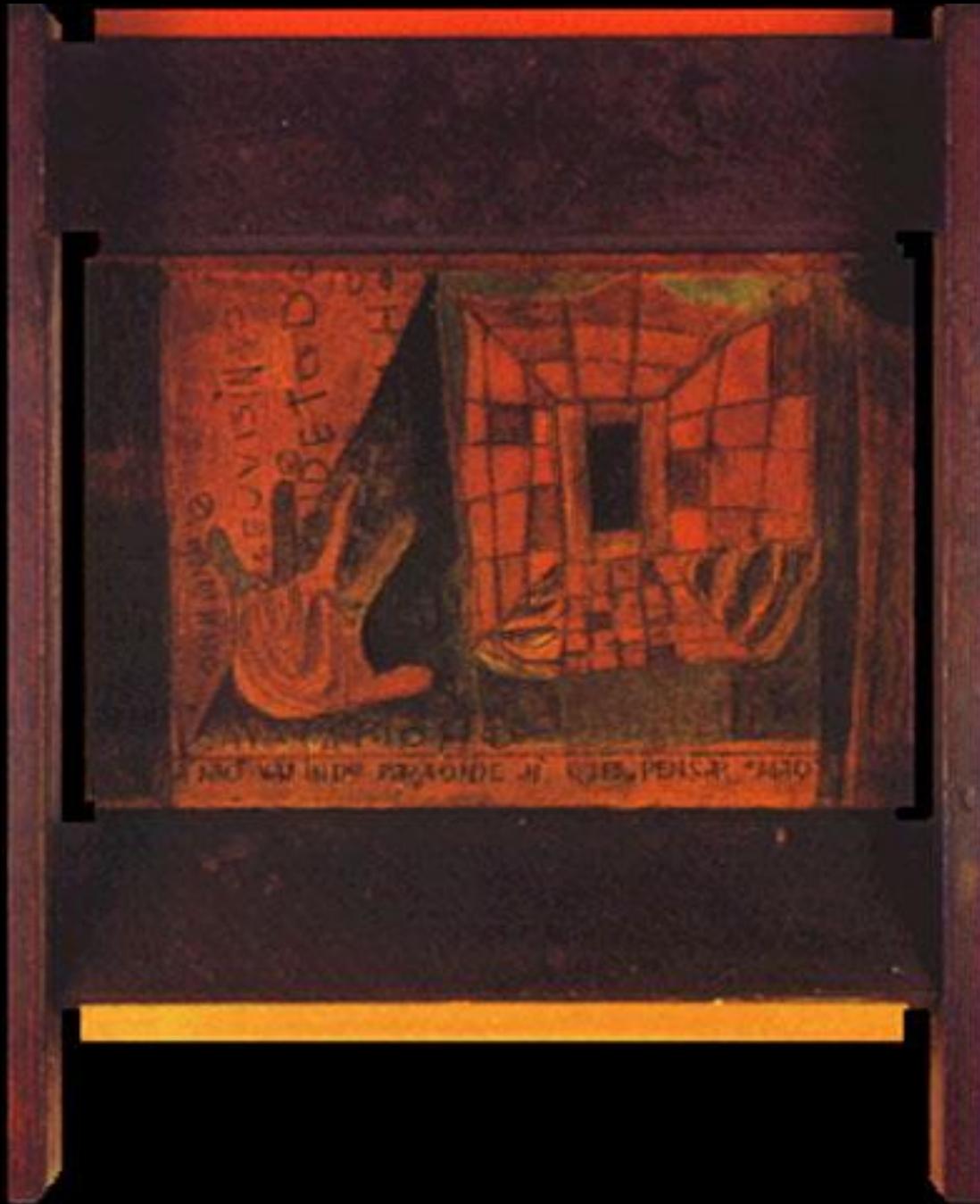


Ocorrência 3114, 1967.



Repressão, 1968.

Ubirajara Ribeiro,
1930-2002.



1965.



Zéfiro e Flora, 1966.



1967.



Sim...tudo
bem...
papai!
1967.

A apropriação das imagens difundidas pelos meios de comunicação, pela mídia publicitária e cultural dá margem a um novo universo imagético que não existia antes com tal intensidade e proliferação. Imagens são lançadas continuamente na mídia inundando de informação o consumo e os valores do público ávido por informação e, em alguns países, ansiosos pelo consumo.

Foi justamente nos países em recuperação e desenvolvimento que as manifestações Pop surgiram, se desenvolveram e consolidaram. Dificilmente tais manifestações teriam guarida no “Cone Sul” dada às dificuldades econômicas e políticas destes países. A eles restava apenas olhar e, quem sabe, tentar entender o que significava a Pop Art.

Leituras recomendadas para complementar os conteúdos deste tópico:

Giulio Carlo Argan:

Fontes da Arte Moderna;
Guia da História da Arte e
Arte Moderna.

Arte Contemporânea, Cauquelin.

Cultura Pós-Moderna.

O que é um artista?

Manifestos em Artes Visuais.

Questões sobre o Tópico 2 e suas leituras:

1. O que a Pop Art significa no contexto da História da Arte?
2. Quais as características da Pop Art?
3. Qual a relação da Pop Art com o contexto social?
4. Qual movimento é considerado a transição entre o Moderno e o Pós-Moderno?
5. O que a Pop Art significou no Brasil?

Obs: Os textos aqui indicados estão disponíveis no site em TEXTOS.